



INCLUSÃO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO PSICOMOTORA DO PIBID/ UNICRUZ/EDUCAÇÃO FÍSICA¹

PUGLIA, Marília Basílio²; MIRANDA, Fábio²; CAMPOS, Leonardo de²;
BATISTELA, Pedro Antônio³; ROSSATO, Vania Mari⁴; PANDA, Maria Denise Justo⁵

RESUMO: Estudo de caso com o objetivo de avaliar a motricidade de um aluno com deficiência visual, com dez anos, estudante do quinto ano no Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias, no município de Cruz Alta/RS. Ele é participante das oficinas de educação psicomotora do Programa de Iniciação à Docência - PIBID/UNICRUZ/Educação Física. O instrumento utilizado para a coleta das informações é a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), que utiliza uma bateria de testes envolvendo motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal/rapidez, lateralidade, organização espacial e temporal. A EDM compreende tarefas específicas para cada faixa etária (2 a 11 anos) em cada elemento básico da motricidade. Nesse estudo foram avaliadas as áreas da motricidade geral, equilíbrio, lateralidade e organização espacial devido as limitações do sujeito do estudo. Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise descritiva dos dados. Os resultados mostraram que a área da lateralidade se apresentou dentro da normalidade, as áreas motricidade geral e do equilíbrio mostraram uma defasagem de alguns meses, mas dentro de um limite aceitável, porém, a área da organização espacial apresentou uma defasagem acentuada devendo ser enfatizada nas oficinas de educação psicomotora pelo bolsista, licenciando de Educação Física. Este estudo, a partir dos resultados manifestados, indicou pontos importantes para os professores que lidam com a educação do deficiente visual, é um convite para que se pense em caminhos para conhecer o deficiente visual a partir de seu próprio potencial.

Palavras-Chave: Deficiência visual. Motricidade. Avaliação.

Abstract: Case study aiming to evaluate the motility of a student with visual impairments, aged ten, fifth-year student at the State Institute of Education Teacher Annes Dias, in Cruz Alta / RS. He is participating in the workshops of psychomotor education program Introduction to Teaching - PIBID / UNICRUZ / Physical Education. The instrument used for data collection is the Motor Development Scale (EDM) that uses a battery of tests involving fine motor skills, global motor function, balance, body schema / speed, laterality, spatial and temporal organization. EDM includes specific tasks for each age group (2-11 years) in each basic element of the motor. In this study the areas of general motor skills, balance, laterality and spatial organization due to the limitations of the study subject were evaluated. For data processing, a descriptive analysis of the data was used. The results showed that the area of laterality appeared normal, the areas of balance and general motor skills showed a lag of a few months, but within an acceptable range, however, the area of spatial organization showed a marked lag should be emphasized in workshops psychomotor education through scholarship,

¹ Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/UNICRUZ/Ed. Física com fomento da CAPES

² Acadêmicos do Curso de Ed. Física-Licenciatura/UNICRUZ. Bolsista CAPES/ PIBID/ UNICRUZ. Integrantes do GEPEF/CNPQ mariliabpuglia@gmail.com leoshucampos@hotmail.com miranda.fabio87@gmail.com

³ Mestre em Ciência do Movimento Humano. Coordenador e Professor no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Integrantes do GEPEF/CNPQ. pab@comnet.com.br

⁴ Mestre em Ciência do Movimento Humano. Professora no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Bolsista CAPES. Coordenador PIBID/UNICRUZ/Ed. Física. Integrantes do GEPEF/CNPQ. vaniarst@hotmail.com

⁵ Doutora em Ciência da Educação. Prof. no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Bolsista CAPES. Coordenadora PIBID/UNICRUZ/Ed. Física. Integrante do GEPEF/CNPQ. dpanda@ibest.com.br



licensing of Physical Education. This study, from the results expressed, indicated important for teachers dealing with the education of blind spots, is an invitation to think of ways to meet the visually impaired from their own potential.

Keywords: Visual impairment. Motricity. Review.

Introdução

A Educação Física pode ter uma contribuição importante na vida das pessoas com deficiências e deve assim ser pensada e desenvolvida de forma que traga benefícios e estimule o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, favorecendo as relações pessoais dos envolvidos. Torna-se imprescindível refletir sobre o currículo da Educação Física na Escola, mais especificamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois nessa faixa etária as crianças devem ter o contato com atividades coletivas, como os jogos e práticas pré-desportivas para tornarem-se pessoas capazes de realizar atividades desejadas e se sentirem incluídos na sociedade.

Este trabalho a partir dos dados que serão coletados na pesquisa levantará pontos muito importantes para que as pessoas que lidam com a educação do deficiente visual reflitam sobre as implicações de fazer avaliações motoras em cegos e portadores de dificuldade visual conhecendo as suas capacidades e carências para indicar possibilidade de ajuda de forma adequada e correta. É um convite para que se pense em caminhos para conhecer o deficiente visual a partir de seu próprio potencial.

“... Tem que se educar não apenas uma criança cega, mas, acima de tudo, uma criança.” (Vygotsky, 1997).

Deficiência visual é um termo empregado para se referir à perda visual que não pode ser corrigida com lentes por prescrição regular. Compreende tanto a cegueira total, ou seja, a perda total da visão nos dois olhos, quanto a baixa visão, que é uma irreversível e acentuada diminuição da acuidade visual que não se consegue corrigir pelos recursos ópticos comuns (MOURA; PEDRO, 2006).

Assim, a deficiência visual acarreta grande perda de informações sobre o meio, prejudicando a interação social e possíveis oportunidades de uma participação plena nos diversos aspectos da vida cotidiana (ALVES; DUARTE, 2005).



Deficiência visual é definida por como uma limitação na visão que, mesmo com correção, afeta negativamente o desempenho de uma criança durante a sua educação (WINNICK e SHORT, 2001).

A deficiência não é por si a responsável pelos eventuais atrasos no desenvolvimento de crianças cegas. Durante os primeiros anos de vida, ao ser superprotegida ou pouco estimulada pelos pais, a criança cega deixa de ter acesso a uma imensa variedade de vivências motoras e sensoriais. Essa falta de oportunidade faz com que apresente, especialmente entre os quatro e oito anos, um atraso motor quando comparada àquela que enxerga, o que, em geral, somente será compensado na adolescência. Um exemplo de defasagem no desenvolvimento motor refere-se ao equilíbrio, que depende, além de outras estruturas, da visão. Novamente, através de estímulos corretos é possível compensar em grande parte a perda de orientação e equilíbrio, sobretudo estimulando a ação de outros mecanismos centrais e periféricos (MOSQUERA, 2000).

Para isso, é necessária maior preparação dos professores de Educação Física, pois, aqueles com um número maior de participação em cursos sobre a educação especial desenvolvem atitudes mais positivas em relação aos professores sem esse tipo de preparação (WALL, 2002).

Nos próprios institutos de ensino superior em Educação Física, a ideia de programas para pessoas com deficiência tem uma história recente, que teve início nos anos 80 (PEDRINELLI & VERENGUER, 2005).

Muitas vezes, a ideia de incluir crianças com deficiências nas aulas regulares de Educação Física Escolar encontra resistência dos próprios pais dessas crianças com deficiências, eles carecem de informações sobre as possibilidades de seus filhos com relação à atividade física. Alguns demonstram receio de que seus filhos sejam expostos a situações de risco durante essas práticas (FIELD e OATES, 2001).

A inclusão nas aulas de educação física, quando bem orientada e estimulada, pode viabilizar vários benefícios para todos. Esta prática beneficia a todos os alunos, também àqueles sem deficiência. É possível destacar que todos ganham em suas habilidades acadêmicas e sociais. Os alunos com deficiência, em ambientes segregados, dificilmente teriam acesso às informações e experiências pessoais proporcionadas pela prática da inclusão. Além disso, a prática da Educação Física de forma inclusiva colabora para a vida na comunidade, onde todos devem conviver independente de suas diferenças, e evita os efeitos prejudiciais da exclusão. As crianças com deficiência descobrem que, no universo das



atividades físicas, existem possibilidades de convivência com colegas sem deficiências. Já estes últimos têm a oportunidade de vivenciar e conhecer atividades físicas e esportivas que podem ser realizadas por crianças com deficiências e percebem que estas podem ser ativas e capazes (KARAGIANNIS, STAINBACK e STAINBACK, 1999).

Portanto estudar o processo de inclusão no ambiente escolar é fundamental para a compreensão das habilidades e possibilidades de aprendizagem do indivíduo com deficiência visual ou com outras deficiências.

A questão da inclusão já é realidade nas escolas e os professores precisam ser convidados a frequentar cursos que abordam a questão da deficiência e da inclusão. Escolas públicas e particulares tem que se manifestarem mais para a intenção real de implementar programas inclusivos.

Entretanto, em algumas circunstâncias, é preciso que se verifique a viabilidade total dessas mudanças, visando o maior benefício possível para os alunos com deficiências. Em função disso, torna-se cada vez maior a importância de pesquisas nessa área. Esses estudos são fundamentais para que profissionais da área de educação possam ter formas de avaliar o quanto o movimento de inclusão pode ser positivo para todos os alunos com e sem deficiências.

Essa pesquisa trará indicativos para que possamos compreender a motricidade das pessoas dificuldades visuais e estimular a aprendizagem motora de maneira que se sintam cada vês mais pessoas aceitas no meio em que convivem.

A Motricidade surge e subsiste como emergência da corporeidade que é a condição de presença, participação e significação do homem no mundo. A Motricidade emerge da corporeidade como sinal de um projeto (TOJAL, 2004).

A Motricidade constitui o aspecto fundamental da vida humana. É sinônimo de intencionalidade motora do corpo próprio, na conjugação da sensibilidade e da inteligibilidade, formando uma espécie de enovelamento, ou seja, integrando uma plena e sólida unidade complexa. Motricidade Humana, também chamada de intencionalidade operante é a intenção que opera, indelevelmente, o desvelar e o revelar do ser humano, no âmago do movimento e da experiência concreta (PEREIRA, 2006).

A Motricidade Humana é a base para a determinação da essência do homem, pois é por ela que o homem se materializa e se revela, no âmbito de um processo em que o ensaio de transcendência desempenha um papel primacial de mediação (SÉRGIO, 2003).



Estudos sobre a motricidade infantil, em geral, são realizados com objetivo de conhecer melhor as crianças e de poder estabelecer instrumentos de confiança para avaliar, analisar e estudar o desenvolvimento de alunos em diferentes etapas evolutivas (ROSA NETO, 2002). As formas de avaliar o desenvolvimento motor de uma criança podem ser diversas, no entanto, nenhuma é perfeita nem engloba holisticamente todos os aspectos do desenvolvimento. Nesta perspectiva, Rosa Neto (2002) propõe uma Escala de Desenvolvimento Motor composta por uma bateria de testes para avaliar o desenvolvimento motor de crianças dos 2 aos 11 anos de idade.

A avaliação é um aspecto importante pois oferece aos professores a oportunidade de medirem a capacidade e o progresso de seus alunos e também a sua eficiência no processo ensino aprendizagem. A avaliação é uma forma eficaz de coletar informações para que se possa tomar decisões importantes e confiáveis.

Considerando as ponderações acima este estudo tem como objetivo avaliar a motricidade de um aluno com deficiência visual do PIBID/ UNICRUZ/Educação Física

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso de um aluno com dez anos, com deficiência visual, que participa das oficinas de educação psicomotora do Programa de Iniciação à Docência - do PIBID/EDUCAÇÃO FÍSICA/UNICRUZ do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias do município de Cruz Alta/RS, estudante do 5º ano.

O instrumento utilizado para a coleta das informações é a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), proposto por Rosa Neto (2002), que utiliza uma bateria de testes envolvendo motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal/rapidez, lateralidade, organização espacial e temporal. A EDM compreende tarefas específicas para cada faixa etária (2 a 11 anos) em cada elemento básico da motricidade. Nesse estudo foram avaliadas as áreas da motricidade geral, equilíbrio, lateralidade e organização espacial devido as limitações do sujeito do estudo.

Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise descritiva dos dados.

A pesquisa foi realizada dentro dos padrões éticos conforme propõe a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e é parte do projeto PIBIC submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ e aprovado pelo número 721.586 em 27/06/2014.



Discussão dos Resultados

O aluno nasceu em nove de janeiro de dois mil e três, na cidade de Cruz Alta RS, de parto normal, prematuro de seis meses, com 800g de cor roxa encaminhado para a UTI. Sua família ficou sabendo que ele apresentava problemas de visão aos três meses, foi diagnosticado retinopatia da prematuridade, teve pneumonia, realizou cirurgia na laringe e traqueostomia, e com um ano de idade começou a engatinhar, caminhar com um ano e três meses, e falar com dois anos de idade.

Foi realizada uma avaliação funcional com a oftalmologista em quatro de maio de dois mil e nove. A finalidade desta avaliação foi observar o desenvolvimento e compreender como a criança com deficiência visual constrói o real, ou seja, verificar quais são singularidades, quais os perfis de aprendizagem, possibilidades, dificuldades e necessidades relativas aos aspectos de: comunicação, ação, compreensão participação na vida cotidiana e nas atividades pedagógicas.

A Avaliação funcional é um processo de observação informal do comportamento visual em relação ao nível da consciência visual, da qualidade, da recepção, assimilação, integração e elaboração dos estímulos visuais em termos perceptivos e conceptuais. Estão estruturadas em termos das funções visuais básicas, viso motoras e viso perceptivo.

De acordo com a avaliação Funcional da Visão realizada na APADEV que é a associação de Pais e Amigos dos Deficientes Visuais de Caxias do Sul foi observado que o aluno se adapta melhor a luz apresentando sensibilidade e contrastes, presta atenção a padrões complexos, aproxima os objetos para examiná-los, explora visualmente o ambiente, os objetos, mas não por muito tempo, reconhece e nomeia formas geométricas visualmente, o olho direito não apresenta visão. A visão de Longe com o olho esquerdo enxerga figuras de 9 cm de tamanho (20/200) a uma distância de aproximadamente 2 metros usando correção óptica (óculos). Tabela (Near Vision Test Symbols for children The Lighthouse), figuras isoladas. A visão de Perto: com o olho esquerdo enxerga figura de 2 cm de tamanho (40/1300) a uma distância de aproximadamente 5 cm usando correção óptica (óculos). Aumentando o tamanho da figura para 4 cm aumenta a distância focal. (Tabela de Visão Subnormal da Escola Paulista de Medicina).

Na luminosidade ele precisa de boa iluminação naquilo que estiver fazendo, ou seja, a luminosidade deverá vir de trás para frente e sem a produção de sombras. Ele precisa aproximar muito a cabeça do material de leitura e escrita, deverá haver iluminação suficiente



e adéqua, evitando sombras no caderno, o que dificulta a realização da tarefa. Deve-se usar luminária portátil, ajustando sua haste para que a luz incida sobre o caderno ou livro a ser lido ou escrito. Já os recursos ópticos ele usa óculos e não ópticos foi sugerido prancha plana para melhorar ergonomia que é a postura, O aluno precisa aproximar para enxergar melhor. Utilizar lápis preto com grafite espesso, por exemplo, 6B, usar canetas hidrográficas e de cores fortes e contrastantes. Ele reconhece e nomeia as cores: laranja, azul, preta e amarela. Foi sugerido para ele usar o programa DOSVOX em seu computador de casa. O sistema operacional DOSVOX permite que pessoas cegas utilizem um microcomputador comum (PC) para desempenhar uma série de tarefas, adquirindo assim um nível alto de independência no estudo e no trabalho.

Na sala de aula todo material que for passado no quadro deverá ser entregue na sua classe para que possa copiar. Cartazes, letreiros, entre outros, deverão ser aproximados de seus olhos para que possa visualizar melhor.

Nas aulas de Educação Física, ele realiza a maioria das atividades, tendo ótimo sucesso quando são atividades em duplas, em que o professor ou um colega o auxilia.

Foi recomendado o desenvolvimento de estimulação tátil, para que se possa observar qual a melhor maneira para ser alfabetizado, lembrando que é muito importante o acompanhamento oftalmológico retinólogo,

A tabela a seguir apresenta os resultados da avaliação motora do aluno em estudo.

Tabela 1: Distribuição dos resultados das variáveis Motricidade Global, Equilíbrio, Organização Espacial e Lateralidade.

Variáveis	Idade em meses
Idade cronológica	131
Motricidade global	108
Equilíbrio	120
Organização espacial	84
Lateralidade	Sinistro completo

Analisando a tabela acima, observou-se uma diferença entre a idade cronológica e a idade da motricidade global de 23 meses negativos, estando muito próximo do limite aceitável pelo instrumento de pesquisa utilizado na presente pesquisa, que é de 24 meses. Portanto essa é uma área que merece uma atenção especial.

Já na área do equilíbrio, o resultado expresso na tabela acima mostra uma diferença de 11 meses negativos, o que podemos dizer que são resultados de normalidade para com a idade cronológica da criança.



Com relação a área da organização espacial, verificamos uma defasagem de 47 meses, ultrapassando muito o limite que é de 24 meses preconizado pelo instrumento de pesquisa. Área esta que merece uma atenção muito especial, pois esta tem uma relação direta com as aprendizagens escolares.

A partir dos testes feitos para saber a lateralidade do aluno, os resultados para olhos, mãos e pés foi classificado como sinistro completo.

Importante destacar nesta análise, que o instrumento não era propriamente adequado, pois a criança avaliada tem necessidades especiais de visão.

Muitos estudos têm afirmado que o desenvolvimento da criança com deficiência visual segue a mesma sequência de desenvolvimento da criança vidente, apenas com a alteração do ritmo que seria mais lento (FARIAS, 2004). Atualmente, no entanto, considera-se que o desenvolvimento da criança com deficiência visual segue uma sequência diferente de desenvolvimento, na qual os comportamentos são aprendidos em uma ordem própria (CUNHA; ENUMO, 2006). Esses estudos não questionam mais a presença ou não de capacidades nas crianças com deficiência visual, mas destacam os aspectos nos quais se diferenciam e discutem as implicações teóricas e práticas dessas diferenças (BATISTA, 2005).

O desenvolvimento da criança com deficiência visual começa a se estruturar desde o nascimento a partir das habilidades de exploração, bem como das influências do seu ambiente. Uma das principais dificuldades que a criança com deficiência visual encontra em seu desenvolvimento diz respeito à lacuna na apreensão dos estímulos devido à ausência da percepção visual em um mundo organizado para e por pessoas com sistema sensorial visual íntegro. A percepção visual é o principal meio de veiculação e de acesso às informações que serão, posteriormente, utilizadas para construção das representações da criança sobre o mundo (CUNHA; ENUMO, 2006).

Outros autores (Batista, 2005; Figueira, 1996; Ochaita e Rosa, 1995; Winnick e Short, 2001) destacam diferentes contribuições do tato para o desenvolvimento da criança cega, embora reconheçam que o sistema sensorial háptico não substitui o sistema visual.

O tato permite captar a temperatura, textura, forma e relações espaciais dos objetos. Esse modo particular de captação, tem caráter sequencial e funciona a pequena distância, que corresponde ao que está ao alcance da mão, e pode ser considerado importante recurso que contribui para os processos cognitivos envolvidos na apropriação do conhecimento (BATISTA, 2005). O tato pode ser abordado instrumentalmente e prestar-se a processos



educacionais especificamente dirigidos às crianças com deficiência visual. Desenvolver um "tato ativo" nas crianças cegas é fundamental, por meio dele, as crianças cegas podem explorar o ambiente à sua volta e formar "imagens" táteis que contribuiriam para que elas não se sentissem inseguras e desinteressadas pelo meio externo (FIGUEIRA, 1996).

Em se tratando do desenvolvimento cognitivo das crianças deficientes visuais a linguagem é considerada, por muitos autores, como o principal meio pelo qual a criança cega pode ter acesso ao conhecimento daquilo que não pode ver e que lhe permite comunicar-se com os outros. A linguagem, sobretudo a fala dos primeiros anos de vida, é também a principal forma de estabelecer as interações sociais das crianças deficientes visuais, e tem um papel fundamental na mediação de todo o seu processo de aprendizagem (OLIVEIRA; MARQUES, 2005).

Algumas vezes, a criança com deficiência visual pode apresentar problemas em várias áreas do desenvolvimento cognitivo, incluindo a categorização, a noção de objeto permanente e a aprendizagem. A criança com deficiência visual não tem acesso às semelhanças e diferenças entre os objetos do ambiente através do canal visual, mas pode aprender a categorizar pela indicação verbal das semelhanças ou pela percepção tátil (CUNHA e ENUMO (2003).

No que se refere ao desenvolvimento motor, ressalta-se que o grau da deficiência visual tem diferentes efeitos no desenvolvimento de habilidades motoras. A deficiência visual, de modo geral, compromete a capacidade de locomoção e orientação da criança no espaço, requisitos fundamentais para o desempenho seguro e independente da criança no local onde se encontra. Essa deficiência afeta o desenvolvimento da percepção espacial e de distância necessárias para o bom desenvolvimento das habilidades motoras (RODRIGUES, 2002). É importante que a criança adquira essas habilidades motoras, incluindo habilidades de locomoção tanto quanto de exploração e manipulação tátil, para poder interagir efetivamente com o mundo físico.

Há evidências de que as crianças com deficiência visual tem dificuldades para interagir, de formas socialmente competentes, com seus colegas e adultos, e isso não está frequentemente relacionado com a deficiência em si, mas sim com a ausência de contextos estimulantes que favoreçam tais aprendizados (FREITAS e DEL PRETTE, 2007).

Destaca-se que o desenvolvimento do processo das aquisições básicas da criança cega depende de fatores relacionados ao progresso da criança nas diversas áreas: afetividade, cognição, linguagem, socialização, motricidade e outras. A criança precisa se desenvolver em



todas as áreas e, em particular, necessita de estimulação apropriada para se locomover em segurança, com independência e agilidade, de modo a potencializar suas possibilidades de explorar dimensões físicas e sociais do meio no qual vive; algumas vezes pode necessitar da mediação do outro para estabelecer relações significativas entre coisas e eventos e, como para todas as crianças, as interações com o outro são a condição para todo o desenvolvimento, sobretudo, afetivo e da sociabilidade (FARIAS, 2004).

Conclusão

O estudo permitiu o aprofundamento de aspectos inerentes ao deficiente visual, permitindo que o conhecimento obtido seja transferido para as atividades práticas das oficinas de educação psicomotora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UNICRUZ/Educação Física.

Quanto a avaliação motora do aluno a área da lateralidade se apresentou dentro da normalidade, as áreas motricidade geral e do equilíbrio mostraram uma defasagem de alguns meses, mas dentro de um limite aceitável. Porém a área da organização espacial apresentou uma defasagem acentuada devendo ser enfatizada nas oficinas de educação psicomotora pelo bolsista, licenciando de Educação Física.

Este estudo, a partir dos resultados manifestados, indicou pontos importantes para que os professores que lidam com a educação do deficiente visual reflitam sobre as implicações de fazer avaliações de cegos e portadores de dificuldades na visão, conhecendo suas capacidades e deficiências para ajuda-los de forma adequada e correta. É um convite para que se pense em caminhos para conhecer o deficiente visual a partir de seu próprio potencial.

Referências

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá/PR, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005.

BATISTA, C.G. **Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 2005.

CUNHA, A.C.B.; ENUMO, S.R.F.; CANAL, C.P.P. **Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna: um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, 2006.



FARIAS, G.C. **Intervenção precoce: reflexões sobre o desenvolvimento da criança cega até dois anos de idade.** *Pensar a Prática*, Goiânia, 2004.

FIELD, S.J.; OATES, R.K. **Sport and recreation activities and opportunities for children with spina bifida and cystic fibrosis.** *Journal of Science and Medicine in Sport*, Belconnen, v.4, n.1, p.71-76, 2001.

FIGUEIRA, M.M.A. **Assistência fisioterápica à criança portadora de cegueira congênita.** *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, 1996.

FREITAS, M.G.; DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Melhorando habilidades sociais de crianças com deficiência visual: um programa de intervenção para mães.** *Revista Benjamin Constant*, v. 13, n. 2, p. 17-27, 2007.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Fundamentos do ensino inclusivo.** In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: ArtMed, 1999. p.21-34.

MOSQUERA, C. **Educação física para deficientes visuais.** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 220-226, 2006.

OCHAITA, E.; ROSA, A. **Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas.** In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MASCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** PoA: Artes Médicas, 1995.

OLIVEIRA, J.P.; MARQUES, S.L. **Análise da comunicação verbal e não-verbal de crianças com deficiência visual durante interação com a mãe.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.11, n.3, p.409-428, 2005.

PEDRINELLI, V.J.; VERENGUER, R.C.G. **Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades.** In: GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. **Atividade física adaptada qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** SP: Manole, 2005

PEREIRA, A.M. **A Motricidade Humana complexidade e a práxis educativa.** 2006. Tese (doutorado em Motricidade Humana) Universidade da Beira Interior. Covilhã – Portugal.

RODRIGUES, M.R.C. Estimulação precoce: a contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida. **Revista Benjamin Constant**, RJ, v.8, n.21, p.15-16, 2002.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora.** Porto Alegre, Artmed, 2002.

SÉRGIO, Manuel. **Alguns olhares sobre o corpo.** Lisboa, Instituto Piaget, 2003 (Coleção Epistemologia e Sociedade).

TOJAL, João Batista. **Da Educação Física à Motricidade Humana: a preparação do profissional.** Lisboa: Instituto Piaget. 2004.

XVI

Seminário Internacional
de Educação no Mercosul

XIII Seminário
Interinstitucional

IV Curso de Práticas
Socioculturais Interdisciplinares

III Encontro Estadual
de Formação de Professores

I Mostra de Trabalhos
Científicos do PIBID



VYGOTSKI, L.S. **Obras escolhidas V: Fundamentos de defectologia.** Madrid: Visor, 1997

WALL, R. **Teachers' exposure to people with visual impairments and the effect on attitudes toward inclusion.** View, v. 34, n. 3, p. 111-119, 2002.

WINNICK, J.P.; SHORT, F.X. **Testes de aptidão física para jovens com necessidades especiais.** São Paulo: Manole, 2001.